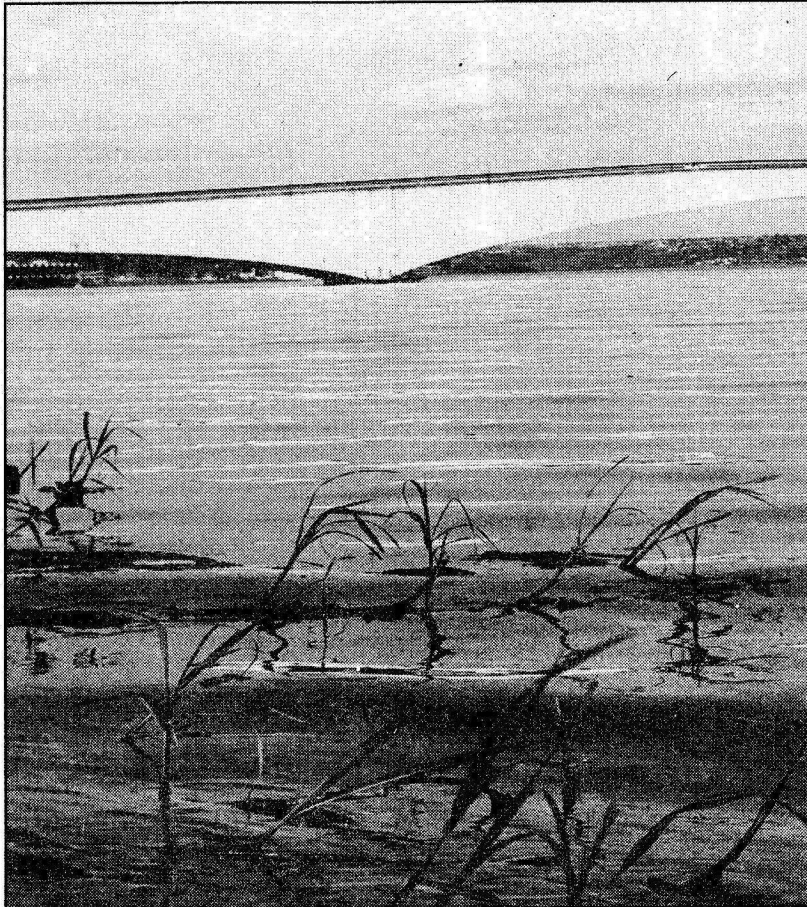


Estações de tratamento melhoram água do Paranoá

RAIMUNDO PACCO



O controle das algas é vital para a despoluição do Paranoá

A qualidade da água do lago Paranoá tende a evoluir para a despoluição, depois que as estações de tratamento de esgotos foram ampliadas e adaptadas para tratar o esgoto em nível terciário. De acordo com a bióloga Eliane Barreto Costa, chefe da Divisão de Monitoramento da Qualidade de Água, da Caesb, alguns programas complementares, entretanto, são necessários para a garantia desse processo. Um deles é o controle das algas que diminuem o oxigênio da água, impede a entrada de luz, provoca mau cheiro e dificulta o lazer.

Mas o laboratório de limnologia, instalado desde 1978 na Estação de Tratamento de Esgotos Norte (ETE-Norte), já desenvolve três grandes projetos com o objetivo de monitorar e melhorar a qualidade da água do lago Paranoá. Na sua concepção urbanística, o lago serviria ao lazer e recreação, mas por receber durante todos estes anos o esgoto sem tratamento foi se tornando inadequado a esta utilização. Os esforços do Governo do Distrito Federal, principalmente através da Caesb, têm sido nos últimos anos o de devolver ao Paranoá as condições ideais no lazer da comunidade.

Programas — Segundo Eliane Barreto, todo mês se avalia a qualidade da água coletando amostras em cinco pontos estratégicos do lago nos quatro braços e na região central. No centro do lago a coleta é feita ao longo da coluna d'água, desde a superfície à parte mais profunda. São coletadas ainda amostras em cada um dos seus tributários (Riacho Fundo, Ribeirão do Gama, Torto e Bananal).

Entre os principais parâmetros avaliados pelos técnicos do laboratório de limnologia da Caesb, está o nitrogênio e o fósforo, que são nutrientes para as algas. Desde a sua criação, o lago Paranoá tem praticamente uma predominante, a alga *Clindrospermopsis raciborskii* que, entretanto, não é problemática. Ela fica dispersa pela coluna d'água e não se espalha pela superfície do lago enquanto a *Microcystis seruginosa*, constitui-se no grande transtorno para técnicos e população.

Esta alga pode provocar inú-

meros problemas e é por isso que o laboratório além de controlar a sua proliferação e evitar o que aconteceu há alguns anos, quando foi registrada uma grande mortandade de peixes e um mau cheiro insuportável, desenvolve um projeto de biomanipulação do lago. É um projeto iniciado há dois anos e que busca utilizar carpas prateadas no controle da *Microcystis seruginosa*. As carpas se alimentam destas algas.

Segundo a chefe da Qualidade de Água da Caesb, por enquanto os experimentos estão saindo dos tanques para uma área confinada do próprio lago, mas só no final do ano os técnicos terão os resultados finais. Se positivos, o projeto se ampliará para todo o Paranoá. A utilização das carpas substituirá o processo atual de controle das algas que é a adição de sulfato de cobre no lago.

O controle da floração das algas é outro programa específico

em que os técnicos visitam diversas áreas do Paranoá três vezes na semana e uma no final de semana para vistoriar e analisar o comportamento da *Microcystis seruginosa*. A equipe avalia o aparecimento da espécie e quando houver excessos ela adiciona produtos químicos. Desde o início do programa não ocorreu mais o grave problema registrado em 1978. Outro programa é o de balneabilidade do Paranoá, que analisa as condições de diversas áreas do lago para o lazer e recreação. Ele é renovado a cada semestre e avalia a qualidade bacteriológica das águas que até hoje é melhor nas proximidades da bargagem, imediações da Casa da Dinda, onde chega o Bananal sem poluição, entre outras áreas. Entre os pontos mais poluídos estão os próximos às estações de tratamento. "A partir de agora, este mapeamento deve se alterar", acentuou a bióloga.